

## A cara que eu não via

Eu vinha com uma ideia na cabeça, daquelas que ninguém ensina, mas todo mundo carrega.

Professor não erra na frente da turma.

Pode errar antes da aula, pode errar depois, pode errar em casa preparando. Na hora, na lousa, com a sala olhando, não. Aluno tem que ver um adulto que sabe. Se o adulto vacila, a aula vacila junto.

Eu não tinha pensado nessas palavras. Mas era assim que eu entrava em sala.

Era começo da minha carreira. Naquele dia, eu tinha preparado tudo. Os exercícios estavam separados. A sequência estava na cabeça. A explicação tinha começo, meio e fim. A sala era daquelas com lousa branca, dessas em que a gente escreve com pincel atômico.

Comecei bem. Expliquei o conceito, fiz uma pergunta, ouvi duas respostas, segui. Quando chegou a hora de resolver um exercício na lousa, escolhi um problema de bloco descendo um plano com atrito.

Era para usar coeficiente de atrito dinâmico.

Eu usei o estático.

Não vi na hora.

Fui resolvendo, escrevendo a equação, isolando, substituindo, e o número que apareceu não era o número que eu tinha em mente. Em qualquer aula bem dada, isso é momento bom. Um número que não fecha é convite para revisar com a turma. Onde foi? O que mudou? Que grandeza não está certa?

Mas naquele dia eu não fiz isso.

Eu travei.

Olhei para o resultado e percebi, em segundos, o que tinha acontecido. Tinha pegado o coeficiente errado. Para corrigir, eu precisava apagar boa parte da lousa, refazer o cálculo na frente deles, e reconhecer que o exercício que eu acabara de mostrar como modelo estava errado.

Comecei a perguntar para mim mesmo, em silêncio, em loop:

— Corrijo? Não corrijo? Corrijo? Não corrijo?

Se eu corrigir, eles vão saber que eu errei.

Foi só isso que minha cabeça processou.

Eu não pensei que admitir o erro podia ser bom para a aula. Não pensei que aluno respeita mais professor que conserta do que professor que esconde. Não pensei nada disso. Eu só pensei que ia ficar mal com a turma.

O suor começou ali.

Não suor de aula puxada. Suor de medo. Aquele que sobe pela testa antes de você perceber que está suando. Comecei a passar a mão no rosto. Não para enxugar de propósito, quase um gesto de cobrir o rosto, de esconder com a mão o que estava acontecendo dentro de mim. Limpava o suor com a mão. Voltava para a lousa. Limpava de novo.

Decidi não corrigir.

Falei alguma coisa para fechar o exercício, qualquer frase de transição, e passei para o próximo. A aula seguiu por cima do erro como quem caminha por cima de um buraco fingindo que o chão está inteiro.

Foi quando começou o riso.

Não foi um riso estourado. Era riso baixo, em ondas. Um aluno olhava para o outro, um cotovelo ia para o lado, alguém abafava com a mão. Quando olhei para a turma, alguns se compuseram rápido. Outros não conseguiram.

Eu pensei: eles sacaram.

Pensei que eles tinham percebido o exercício errado, que estavam rindo da minha tentativa de seguir como se nada tivesse acontecido. Apontei para a lousa, dei uma risada também, fingi que entrava na piada. Por dentro, a vergonha estava em mim, completa.

O resto da aula ficou assim. Eu falando, eles rindo de vez em quando, eu lendo cada riso como confirmação de que sabiam, eu ficando mais nervoso, eles rindo mais. Em algum momento, eu já não sabia mais o que estava ensinando. Só queria que o sinal tocasse.

Tocou.

Eu apaguei a lousa rapidamente, juntei o material e saí. Fui direto para o banheiro.

Quando olhei no espelho, parei.

Meu rosto estava todo manchado de tinta.

Borrões pretos em torno da boca, no queixo, na bochecha. Uma listra atravessando a testa. Em alguns lugares, a tinta tinha escorrido com o suor e formado linhas finas descendo pelo rosto. Eu parecia um palhaço improvisado.

Era o pincel atômico.

Toda vez que eu apagava com o dedo algum trecho da lousa onde tinha errado uma letra ou um sinal, sem buscar o apagador, sobrava tinta fresca na minha mão. Quando passei a mão no rosto, dezenas de vezes ao longo da aula, fui carimbando o que estava na minha pele.

Os alunos não estavam rindo do exercício.

Estavam rindo da minha cara.

Fiquei parado em frente ao espelho. Lavei o rosto. Lavei de novo. A tinta saía aos poucos. Enquanto eu lavava, ia entendendo uma coisa que não saía da pia junto com a tinta.

A vergonha do erro tinha sido toda minha.

Eles não tinham visto. Adolescente raramente acompanha o cálculo da lousa com o nível de atenção que o professor imagina. Estavam fazendo o que costumam fazer quando o professor está distraído: rindo de qualquer coisa, especialmente de uma coisa engraçada de verdade, como um professor com a cara pintada.

Eu tinha passado a aula inteira sustentando uma vergonha que ninguém estava me cobrando.

Mas a história não terminou ali.

Na semana seguinte, antes da aula começar, dois alunos chegaram perto da mesa.

— Professor, aquele exercício que o senhor resolveu na semana passada, acho que tem um erro.

Falaram baixo, sem ironia. Talvez tivessem revisto a matéria estudando para a prova. Talvez tivesse sido a professora particular de algum deles. Não importa. Tinham feito a conta de novo e o número não fechava.

Aí eu pensei: agora eles sacaram.

E eu não tinha como fugir.

Tive que entrar na aula seguinte e admitir o erro diante da turma inteira. Mas não admiti como precisava admitir.

Falei algo do tipo:

— Pessoal, foi uma desatenção minha na semana passada. Vamos rever aquele exercício.

E refiz. Agora com o coeficiente certo. O número fechou. A turma copiou. Alguém disse “ah, agora bateu”. Tudo voltou ao lugar.

Por fora.

Por dentro, eu sabia que aquela admissão tinha sido pela metade. Não tinha sido “errei e quero que vocês saibam que professor erra”. Tinha sido “tive uma desatenção”. A palavra desatenção é uma palavra que protege quem a usa. Sugere acidente, descuido, evento isolado. Não admite o que tinha realmente acontecido: que eu tinha visto o erro na hora, tinha decidido esconder, tinha passado uma aula inteira refém do meu próprio medo, e só estava corrigindo agora porque eles me forçaram.

Isso eu não disse.

Aquela aula passou. A correção entrou no caderno deles. Mas o frio na barriga ficou.

E ficou por muito tempo.

Durante quase o ano inteiro, eu entrei naquela sala diferente. Não percebia logo. Mas alguma coisa em mim entrava com cuidado a mais. Falava com mais reserva. Hesitava antes de propor um exercício novo na lousa. Tinha medo de errar de novo, e tinha medo, principalmente, de que eles lembrassem do erro anterior caso eu errasse outra vez. Como se cada aula fosse uma chance de prova, e eu tivesse que ir conquistando, semana a semana, alguma coisa que eu sentia ter perdido.

Eu vinha como dando aula com uma dívida.

Não era uma dívida nomeada. Não era declarada. Mas estava ali, dentro da relação. E o que eu não percebia, na época, é que essa dívida não tinha sido criada pelo erro do exercício. O erro do exercício foi pequeno.

A dívida tinha sido criada pelo modo como eu lidei com o erro.

Se eu tivesse parado, na hora, e dito “deixa eu refazer isso aqui, fiz com o coeficiente errado”, talvez a aula tivesse seguido sem grande cena. A turma teria visto um adulto corrigindo o próprio caminho.

Em vez disso, eu escondi. E, quando admiti, admiti pela metade.

O erro era pequeno. Vinte segundos para refazer. O que ficou grande foi o medo de ser descoberto. Esse medo não cabe dentro de uma aula. Sai pela voz, pela mão, pelo corpo, pelo cuidado a mais que o aluno não pediu, mas percebeu.

Aquele dia da cara pintada, eu não vi nada disso. Vi um professor que tinha passado vergonha. Passei meses tentando recuperar uma confiança que ninguém tinha tirado de mim, a não ser eu mesmo.

O que ficou na sala não foi o exercício errado.

Foi a minha dificuldade de admitir.

